

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

AIANA FRANCIELLE FERNANDES

**METÁFORAS EM VERSÕES DE UMA BÍBLIA CLÁSSICA E UMA  
CONTEMPORÂNEA DO LIVRO DE TIAGO**

Porto Alegre  
2014

Aiana Francielle Fernandes

**METÁFORAS EM VERSÕES DE UMA BÍBLIA CLÁSSICA E UMA  
CONTEMPORÂNEA DO LIVRO DE TIAGO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de Letras da Universidade Federal  
do Rio Grande do Sul como requisito parcial  
para a obtenção do título de Licenciada em  
Letras.

Orientadora: Professora Doutora Maity Siqueira

Porto Alegre  
2014

Aiana Francielle Fernandes

**METÁFORAS EM VERSÕES DE UMA BÍBLIA CLÁSSICA E UMA  
CONTEMPORÂNEA DO LIVRO DE TIAGO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras

**BANCA EXAMINADORA**

Professor Doutor Gabriel de Ávila Othero  
Doutorando Dalby Dienstbach Hubert  
Professora Doutora Maity Siqueira Guerreiro

## Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, pois eu sei que foi Ele quem me proporcionou a vida, a família, e todas as outras coisas necessárias para que eu fizesse essa faculdade, e em especial este trabalho.

Agradeço a minha família, meus pais e minha irmã, pelo apoio que sempre me deram para que eu seguisse adiante na ideia deste trabalho.

Agradeço em especial também ao meu marido, por também suportar toda a agonia que acompanha a confecção de um TCC e, principalmente por me dar chocolates para aliviar o sofrimento.

Outra pessoa sem a qual eu com certeza não poderia ter feito este trabalho é a minha orientadora, a professora Maity Siqueira, que comprou a ideia e me auxiliou em todo o processo. Mesmo quando eu mesma achava que esta ideia não teria viabilidade ela me mostrou o caminho para que o trabalho tomasse forma. Obrigada, Maity!

Enfim, agradeço a universidade pelo ensino de excelência que tive nos últimos dias, agradeço aos meus professores das mais diversas disciplinas, inclusive as da FACED, como a professora Dóris Fiss, que é sem dúvida um exemplo de uma pessoa que acredita que uma educação de qualidade é possível em nosso país.

Por último agradeço a todos os meus colegas e amigos que estiram comigo nesta jornada da vida acadêmica, sem eles estar no campus do Vale teria sido muito pior do que realmente foi.

## Resumo

Este trabalho visa comparar duas versões do texto bíblico do livro de Tiago: a versão clássica de João Ferreira de Almeida (que teve sua primeira tradução no ano de 1645) e uma contemporânea da Bíblia A Mensagem de Eugene Paterson (tradução em 1993 para o inglês). O objetivo principal é descobrir se a versão contemporânea se presta mais ao entendimento de seu sentido do que a versão clássica, em função das metáforas encontradas na versão contemporânea. Para isso, foram selecionados alguns versos que foram submetidos ao método PIM (PRAGGLEJAZ, 2007) para confirmação da existência das metáforas. Depois de comparados os versos de ambas as versões, foram feitas considerações sobre se a ocorrência de metáforas é o que faz com que haja melhor compreensão na versão contemporânea. O resultado encontrado é que não são os mapeamentos conceituais metafóricos em si o maior facilitador da compreensão do texto, uma vez que foram encontradas metáforas em ambas as versões. Em vez disso, é a atualização dos itens lexicais que propicia, na maioria dos casos, um melhor entendimento do texto bíblico na versão contemporânea.

Palavras chave: Metáfora, Bíblia, linguística, analogia, mapeamentos metafóricos.

## Abstract

This research aims to compare two versions of the biblical text in the book of James: the classic version of 'King James (who had its first translation in 1645) and a contemporary of the Bible The Message by Eugene Paterson (translation in 1993 for English). The main objective is to find out if the contemporary version lends itself more to the understanding of its meaning than the classic version, depending on the metaphors found in contemporary version. For this, I selected some verses that were submitted to the PIM method (PRAGGLEJAZ, 2007) to confirm the existence of metaphors. After comparing the verses of both versions, were taken into consideration the occurrence of metaphors is what ensures that there is better understanding the contemporary version. The results found show that the metaphorical concept is not in itself the most mappings facilitating comprehension of the text, since metaphors have been found in both versions. Instead, it is the update of lexical items which provides, in most cases, a better understanding of the biblical text in contemporary version.

Key words: Metaphor, Bible, linguistics, analogy, metaphorical mappings.

## Sumário

Introdução .....	1
1. Teoria da Metáfora Conceitual.....	3
1.1. Metáfora Primária.....	7
1.2. As metáforas como forma de convencimento .....	8
2. Método.....	11
3. Análise dos textos.....	13
4. Conclusão.....	26
5. Referências.....	28

## Introdução

Começo este trabalho com a seguinte citação: “A metáfora é um recurso tão humano que talvez seja a última coisa que os robôs do futuro entendam” (SARDINHA, 2007, p. 12). As metáforas são, inegavelmente, algo profundamente entranhado na natureza cognitiva humana. Elas servem como uma forma de compreensão de linguagem provavelmente desde que existe a comunicação. O fato é que elas se prestam a explicar certos conceitos que seriam mais difíceis de serem entendidos pela expressão na sua própria estrutura. Conceitos abstratos como o amor, a tristeza, a felicidade e a tentação são deveras complexos de se explicarem, então, utilizamos conceitos mais bem estruturados como uma viagem para tentar explicar o amor que seria um conceito mais abstrato, por exemplo.

A metáfora vem sendo estudada desde o século IV a.C.. Para Aristóteles, uma metáfora é usar o nome de uma coisa para nomear outra. Já se defendia, naquele tempo, sua utilidade para comunicação, ainda que com algumas ressalvas: ela não deveria nem ser usada de forma que não fosse apreendida, nem deveria ser evidente demais, ou não causaria efeito algum.

Ainda que algumas perspectivas teóricas tratem a metáfora (MARTINICH, 1991) como uma figura de linguagem utilizada principalmente na literatura, utilizamos esse recurso o tempo todo em nossas vidas. Por exemplo, quando dizemos ‘*Vou vestir a camisa da empresa*’, em um contexto de fazer o melhor para a empresa progredir, estamos usando uma metáfora, pois não vamos, literalmente, vestir uma camisa; vamos fazer o melhor pela empresa.

As metáforas são um recurso muito utilizado por todos - mesmo que de forma supostamente imperceptível, e, no caso daqueles que estão explicando conceitos de difícil apreensão, elas são ainda mais úteis. Pode ser usada em discursos políticos, religiosos e sobre economia, pois torna conceitos que algumas pessoas não entenderiam em conceitos mais fáceis de se apreenderem.

Tendo em mente o poder das metáforas como forma de comunicação e também de convencimento, o objetivo deste trabalho é comparar as metáforas encontradas em um livro de uma Bíblia de linguagem clássica e uma de linguagem

contemporânea, e descobrir se de fato as metáforas da versão contemporânea tornam mais acessível sua leitura em vista daquelas encontradas na versão clássica. A hipótese é a de que uma Bíblia repleta de metáforas linguísticas atualizadas para os nossos dias seria mais acessível para o leitor, pois as metáforas encontradas nela ajudariam em uma melhor compreensão do texto. Mesmo que versões clássicas da Bíblia em linguagem formal também tenham muitas metáforas, a falta de atualização na linguagem faz com que se perca muito da apreensão do sentido do texto.

No primeiro capítulo, veremos uma introdução teórica que nos ajudará a entender os conceitos a serem analisados no decorrer da análise. No segundo capítulo, se explicará como a análise foi feita. No terceiro, temos a análise propriamente dita. Por último, temos uma discussão e reflexão sobre os resultados.



## 1. Teoria da Metáfora Conceitual

Desde Aristóteles muitos já pensaram e escreveram sobre metáfora, mas, avançando desde o século IV a.C., chegamos em George Lakoff e Mark L. Johnson, um linguista e um filósofo que mudaram o campo de estudos da metáfora ao desenvolverem a Teoria da Metáfora Conceitual e escreverem o livro *Metaphors We Live By* em 1980. O título em português “Metáforas da vida cotidiana” traduz realmente essa teoria. Segundo eles, mais do que apenas uma figura de linguagem, a metáfora é, também, um aspecto cognitivo humano, pois a mente, de alguma forma, trabalha com as metáforas presentes em nossa sociedade. De acordo com eles, nossa cultura já teria algumas metáforas que nós não percebemos, mas usamos em nossa vida. Quando dizemos ‘*João gastou um dia inteiro para fazer apenas um exercício*’, uma vez que o dia não é algo que se possa gastar, como o dinheiro, na verdade, estamos atualizando linguisticamente a metáfora conceitual TEMPO É DINHEIRO.

Para Lakoff e Johnson (1980) podemos explicar as metáforas como compreender um domínio conceitual em termos de outro. Nós fazemos isso quando falamos e pensamos, por exemplo, em amor em termos de viagem (*‘Nosso relacionamento vai bem’*), em organizações sociais em termos de plantas (*‘A família cresce a cada ano’*), etc. Um domínio conceitual é uma organização coerente da experiência, por isso, às vezes recorremos ao domínio de viagem para entender o amor, pois temos um conhecimento organizado e coerente sobre viagens que ativamos para compreender o amor.

Para entender melhor esse conceito, trazemos a metáfora conceitual O AMOR É UMA VIAGEM. Utilizamos um conceito mais estruturado, aquele a que normalmente temos acesso mais direto, para o entendimento do mais abstrato, o amor, que, sem a ajuda dessa metáfora, teríamos muito mais dificuldade para entender. A manifestação de uma metáfora conceitual na linguagem é chamada de expressão metafórica ou metáfora linguística, e um exemplo é *‘nosso casamento vai bem’*.

O conceito mais abstrato, nesse caso, o amor, é chamado de domínio-alvo, sendo o domínio um conjunto de conhecimentos que emerge da experiência

humana, enquanto que o conceito mais bem estruturado, a viagem, é chamado de domínio-fonte. Nós entendemos o domínio-alvo por meio do domínio-fonte.

Lakoff e Johnson (1980) nos dão alguns exemplos de atualizações linguísticas da metáfora conceitual UMA DISCUSSÃO É GUERRA:

*Suas reivindicações são indefensáveis.  
Ele demoliu meu argumento.  
Suas críticas foram direto no alvo.  
Se você usar essa estratégia, ele vai acabar com você.*

As relações estabelecidas entre um domínio e outro são os mapeamentos. Os mapeamentos são como inferências que fazemos a partir das metáforas conceituais. Tendo O AMOR É UMA VIAGEM em mente e a sua expressão metafórica ‘*Nós não estamos indo a lugar nenhum*’, e pensando em termos de viagem, inferimos que alguém está indo para algum lugar, que existe uma determinada distância. O “nós” indica mais de um viajante etc. Esses são alguns dos mapeamentos possíveis por trás dessa expressão. Pensando nisso, temos o quadro de KOVECSES (2002 p.7) na Tabela 1, em que partimos do domínio-fonte, mais bem estruturado, VIAGEM, para o domínio-alvo, mais abstrato, AMOR:

Tabela 1: Quadro de mapeamentos entre AMOR E VIAGEM<sup>1</sup>

Fonte: VIAGEM	Alvo: AMOR
os viajantes	→ os amantes
o veículo	→ o relacionamento amoroso
a viagem	→ eventos no relacionamentos
a distância percorrida	→ o progresso feito
os obstáculos encontrados	→ as dificuldades experimentadas na relação
decisões sobre qual caminho seguir	→ escolhas sobre o que fazer
o destino da viagem	→ os objetivos da relação

Esses são alguns dos elementos que constituem as correspondências na metáfora conceitual AMOR É UMA VIAGEM. Sem esses elementos em correspondência, essa metáfora não faria sentido. Mapeamentos como esse são tão recorrentes que acabam por fundamentam diferentes aspectos da nossa vida, tais como o amor, as discussões e outros.

<sup>1</sup> Tradução minha.

Nós já estamos acostumados a utilizar conceitos mais concretos para entender os mais abstratos. Quando queremos entender algo como sentimentos, por exemplo, utilizamos algo mais concreto ou mais bem estruturado para fazê-lo. Tipicamente, não pensamos em viagem em termos de amor, pois isso não faria muito sentido. É por isso que, provavelmente, não temos metáforas em que o AMOR é o domínio-fonte e a VIAGEM o domínio-alvo. Esse é chamado de Princípio da Unidirecionalidade, pois as metáforas não funcionam no sentido do domínio-fonte ao alvo. Os mapeamentos quase sempre apenas funcionam quando vão do conceito mais concreto para o mais abstrato.

Existem domínios-fonte que são mais comuns que outros (Kovecses 2002). Utilizamos mais recorrentemente alguns domínios mais concretos para entender outros mais abstratos. Alguns desses domínios estão relacionados com o corpo humano, saúde e doença, animais, construções, máquinas e ferramentas, jogos e esporte, dinheiro e transações econômicas, cozinha e comida, calor e frio, luz e trevas, movimento e direção. De fato, certas metáforas derivam de experiências com nosso corpo. Quando dizemos '*Estou me sentindo para baixo hoje*', entendemos essa metáfora em função do poder da gravidade que experimentamos em nosso corpo, uma vez que a força da gravidade nos puxa para baixo. Quando caímos, sentimos que aquilo que é para baixo é pior, pois ao cairmos a possibilidade de nos machucarmos é muito grande.

O corpo humano é um domínio-fonte tão produtivo porque é provavelmente aquilo que mais conhecemos de concreto. Utilizamos partes perceptivelmente salientes do corpo, como a cabeça, o rosto, os ombros, as mãos, as pernas, e outros. Alguns exemplos são: '*Ele me passou a perna*', '*Ele leva nos ombros a responsabilidade*' e '*Ele é o cabeça do departamento*'.

As pessoas constroem prédios por diversos motivos, para abrigo, para trabalho, etc. As partes de uma construção e o próprio ato de construir são muito comuns como domínios-fonte de metáforas. Aqui, os exemplos: '*Ela constrói uma teoria nova todo ano*' e '*Ela construiu um argumento muito forte*'.

Usamos máquinas e ferramentas para trabalhar, jogar, entre outros. Esses conceitos e as atividades relativas a eles também estão entre os domínios-fonte

mais produtivos como vemos nos exemplos: *'Ela produz um livro todo ano'* e *'A máquina da democracia funcionou nestas eleições'*. Assim como as ferramentas, os jogos e esportes e suas propriedades, como as regras, são muito utilizados como domínios fonte, conforme mostra o exemplo: *'Ele joga conforme as regras do mercado'*.

As transações econômicas, desde muito cedo, estiveram presentes em nossa sociedade. Por causa disso, usamos muitos termos relacionados a esse campo semântico para compreender outros menos conhecidos ou menos concretos para nós. Veja: *'Ela gastou o tempo lentamente'* e *'Eu tentei economizar energia'*. Cozinhar também sempre esteve presente na sociedade, então, esse é outro conceito muito conhecido e utilizado para o entendimento de outros, como em: *'Qual a sua receita para o sucesso?'*.

O frio e o calor são experiências basicamente humanas. Por estarem relacionadas a experiências mais concretas, usamos o frio e o calor para falar sobre a atitude das pessoas, conforme os exemplos: *'Ela foi um gelo comigo'* e *'Recebemos um caloroso aplauso da plateia'*. Outro tipo de experiência humana é a experimentada pela alternância entre luz e escuridão. Suas propriedades aparecem frequentemente como domínios-fonte: *'Ele brilhou na apresentação hoje'* e *'Ele tem um humor sombrio'*.

Assim como os domínios-fonte, os domínios-alvo também têm alguns conceitos que são mais recorrentes. São eles: emoção, desejo, moralidade, pensamento, sociedade, política, economia, relacionamentos humanos, comunicação, tempo, vida e morte, religião, eventos e ações. Vemos que todos esses são conceitos muito abstratos e difíceis de se explicar nos seus próprios termos, por isso, normalmente, usamos uma metáfora para que elas tornem mais fácil de entender o que dizemos a respeito desses conceitos.

Existem algumas metáforas linguísticas que usamos tão frequentemente que elas se tornam convencionalizadas em determinadas comunidades, como quando se diz *'Pedro anda meio preocupado ultimamente'*. Nesse caso podemos entender "andar" tendo um sentido metafórico, mas se usa tanto o verbo "andar" com esse sentido que nem se percebe mais que seja metafórico. Outras metáforas são

criativas e não convencionalizadas. Essas normalmente são as que aparecem em poemas ou na literatura em geral.

### 1.1. Metáfora Primária

As metáforas primárias se originam em sensações que temos frequentemente, como sentir medo no escuro ou experimentar dificuldade ao carregar algo pesado. Um mapeamento muito recorrente é o do domínio ESCURO para o domínio RUIM (ou de CLARO para BOM). Tal mapeamento é gerado a partir de nossas experiências diárias em ambientes escuros e a sensação de insegurança gerada por esse ambiente. É em função da alternância recorrente entre dia e noite (claro e escuro) experienciada, e da percepção co-ocorrente de medo ou de segurança geradas nessas situações, que a metáfora conceitual RUIM É ESCURO se constitui. E esse mapeamento é atualizado linguisticamente através de expressões, tais como *'Agora a explicação ficou mais clara'* e *'A situação está preta lá em casa'*.

Assim como a sensação de perda de controle que qualquer pessoa experimenta em ambientes escuros (que origina a metáfora RUIM É ESCURO), possivelmente qualquer pessoa, nas mais diversas culturas, também sente dificuldade quando carrega algo pesado. Segundo Grady (1997) esta é uma característica das metáforas primárias: seu potencial para universalidade. O mapeamento entre PESO e DIFICULDADE gera a metáfora conceitual DIFICULDADE É PESO, que atualizamos linguisticamente com expressões do tipo *'Nosso encontro foi pesado'* e *'A aula hoje foi leve'*.

Conforme Grady (1997), os domínios-fonte das metáforas primárias envolvem conteúdos relacionados a percepções físicas (de forma, peso, e distância e movimento) e sensações (como o sentir de uma coceira). Tudo isso, de alguma forma, está ligado às experiências que vivenciamos com nossos corpos no meio em que vivemos.

Já os domínios-alvo das metáforas primárias, como SIMILARIDADE e FELICIDADE, são respostas às nossas percepções de mundo. Para exemplificar os domínios, temos um quadro de Grady (1997) na Tabela 2:

Tabela 2: Quadro de motivações para mapeamentos de metáforas primárias<sup>2</sup>

<b>Fonte</b>	<b>Alvo</b>	<b>Motivação</b>
PESO	→ DIFICULDADE	Dificuldade de levantar objetos pesados
FOME	→ DESEJO	Relação entre a sensação física e o foco em encontrar comida
COCEIRA	→ COMPULSÃO EM AGIR	Relação entre a sensação física e a compulsão por coçar
BRILHO	→ FELICIDADE	Relação entre brilho ou luz e segurança, aconchego, etc.
VER	→ CONHECIMENTO/ ENTENDIMENTO	Experiências onde o conhecimento entra por meio do canal visual
ACONCHEGO	→ AFEIÇÃO	Relação entre afeição e o calor do corpo (produzido pela proximidade)
CONEXÃO FÍSICA	→ PARENTESCO CAUSAL	A noção de que alguns objetos estão fisicamente conectados
PROXIMIDADE	→ SIMILARIDADE	Ocorrência de objetos similares alocados próximos uns dos outros na natureza.

As sensações que todos experimentamos diariamente em nossas vidas podem ser, de alguma forma, mapeadas na forma de metáforas primárias. Portanto, podemos dizer que as metáforas podem moldar nossa forma de traduzir nossas sensações em forma de linguagem. A seguir, veremos como as metáforas podem levar pessoas a entender determinados conceitos de determinadas formas e não de outras.

### 1.2. As metáforas como forma de convencimento

Como dito antes, as metáforas são mais do que figuras de linguagem utilizadas apenas por eruditos para rebuscar seus textos. Elas, sobretudo, servem como instrumento para compreensão e convencimento. Nesta seção, veremos algumas pesquisas sobre as metáforas como forma de melhor compreensão de certos conceitos.

Sardinha (2008), no artigo “Lula e a metáfora da conquista”, analisa a fala do então presidente Luís Inácio Lula da Silva e a forma como ele conquista a massa por meio de seus discursos. Ele verificou que a fala de Lula é impregnada de metáforas populares, recurso esse que utilizou para chegar mais perto das massas. Enquanto outros presidentes utilizavam termos rebuscados, que a população não conseguia

<sup>2</sup> Tradução minha

entender, Lula usava metáforas para explicar conceitos difíceis como a economia, como podemos ver no exemplo encontrado por SARDINHA (2008):

“Os governos, sozinhos, podem pouco. A integração sul-americana e o fortalecimento do Mercosul devem ser também objetivos dos empresários, dos trabalhadores e de toda a sociedade. Quero convidar as empresas a vestirem a camisa da integração. É preciso que nos unamos para buscar parceiros, integrar cadeias produtivas, fazer prospecção conjunta de mercados.”

. Essa estratégia de Lula pode ter contribuído para que fosse tão querido pelo povo. O fato é que ele tem uma linguagem que as massas entendem, e suas palavras o fizeram chegar mais perto do povo.

Se as metáforas no discurso político são tão produtivas e podem causar esse efeito, imagine o que podem fazer no âmbito religioso. Tanto o texto bíblico como o discurso religioso são muito ricos em metáforas. Jakel (2002 p.12) diz que “(...) o domínio do religioso deve ser, em grande parte, se não completamente, dependente de conceitualização metafórica”.<sup>3</sup> Ou seja, é pouco provável tratar de religião sem que se use metáforas. Kovecses (2011) interpreta o texto bíblico à luz de algumas metáforas conceituais. Ele chegou à conclusão de que algumas metáforas presentes em nossa sociedade são, de alguma forma, modificadas pelas metáforas religiosas.

Pensando no grande poder desse recurso, podemos analisar o discurso religioso. Pessoas de todas as classes sociais procuram igrejas por motivos diversos. Sejam quais forem esses motivos, essas pessoas muitas vezes se baseiam na interpretação do texto bíblico para saberem de que forma viver suas vidas. Tal interpretação é oriunda de seus ditos conhecedores: os pastores, padres, missionários etc. E a metáfora está presente não só nos textos escritos como também nas pregações desses religiosos.

Leme (2003), em sua tese de doutorado, pesquisou sobre a metáfora DEUS É REI. A ideia geral é que, se Ele é rei e somos seus filhos, então, sendo de uma família real, não podemos ser pobres. Para Leme, esse raciocínio deu origem ao Evangelho da Prosperidade, que é pregado em e deu origem a diversas igrejas neo-

---

<sup>3</sup>“(...) the domain of the religious should be largely if not completely dependent on metaphorical conceptualization.” Tradução minha

pentecostais. Quem prega esse evangelho prega a riqueza para aqueles que estão nessas igrejas.

O argumento central de Leme (2003) é o de que uma metáfora pode guiar a vida de diversas pessoas. No caso da metáfora DEUS É REI, presente no discurso dos pregadores desse conceito, ela pode gerar todo um pensamento que não necessariamente tem base bíblica. Leme, na verdade, explica que o fato de Deus ser rei não significa uma vida de riquezas. Ela diz que, na verdade, isso significa uma vida de renúncias para aqueles que se dizem seus filhos, afinal, o próprio Jesus, quando esteve nesta terra, também não teve uma vida de riquezas. Concluiu-se, então, que o mapeamento escolhido pela pessoa que utiliza essa metáfora para pregação do texto bíblico pode influenciar um entendimento particular desse texto por muitas outras.

As metáforas são usadas em larga medida como instrumento de compreensão ou convencimento em qualquer instância da sociedade, sendo uma delas a da religião. As metáforas em uma Bíblia poderiam ajudar no entendimento de conceitos bíblicos que se definem por si mesmos, texto esse, que, por diversas vezes, é taxado como difícil. A seguir, veremos a metodologia para a construção das análises dos dois textos bíblicos, para verificar se, de fato, as metáforas ajudam em tal compreensão.



## 2. Método

Serão analisadas algumas metáforas do livro de Tiago, em uma versão clássica de João Ferreira de Almeida (2008) e na Bíblia “*A Mensagem*” de Eugene Peterson (2011). O texto de João Ferreira de Almeida, apesar de se tratar, nesse caso, de uma versão revista e atualizada, é uma tradução do espanhol para o português de por volta do ano 1645, que, ao longo do tempo, teve várias revisões e atualizações. Entretanto ainda continua sendo um texto de linguagem bastante arcaica e, por vezes, de difícil compreensão. Essa versão foi escolhida por ainda ser uma das versões mais consumidas pelo público brasileiro.

Já o texto de “*A Mensagem*” é uma tradução feita em 1993, por Eugene Peterson, para o inglês com o objetivo de facilitar o acesso da chamada “Palavra de Deus” a todas as pessoas. Essa tradução que hoje já encontramos em português, (a tradução do livro de Tiago do inglês para o português foi feita por Carlos Caldas) de possui uma linguagem bastante informal, totalmente diferente da linguagem séria e formal encontrada na versão clássica, e de fácil compreensão. Seu diferencial é o fato de encontrarmos uma linguagem contemporânea desse texto milenar que é a Bíblia.

Apesar de possuir a mesma clássica divisão de livros, que são divididos em capítulos, seus versos aparecem de forma diferente. Embora eles apareçam, vemos que a preocupação é a de que haja um texto corrido, como em qualquer romance, então, um verso jamais vai dividir um parágrafo, como eventualmente acontece na versão clássica.

A análise foi feita da seguinte forma: foi feita uma primeira leitura dos textos em busca de candidatos a metáforas. Os candidatos passaram, então, pelo método PIM: procedimento de identificação de metáforas (PRAGGLEJAZ, 2007). O método consiste, basicamente, em pesquisar cada unidade lexical do texto a fim de determinar se seu significado é literal ou metafórico. É importante salientar, no entanto, que, neste trabalho, não foram analisadas todas as unidades lexicais, como sugerido pelo método PIM, mas somente aquelas que se julgaram ser candidatas à metáfora.

Depois de definidas as metáforas, foram comparadas as duas versões, refletindo-se sobre qual das duas se presta mais ao entendimento e porquê. Por último, refletiu-se sobre qual versão seria a melhor, em termos de qual ofereceria mais elementos para o acesso de qualquer pessoa ao texto bíblico, e se esses elementos facilitadores seriam as metáforas. A seguir, apresentamos as análises.

### 3. Análise dos textos

Este trabalho visa comparar textos de duas versões do texto bíblico do livro de Tiago para saber qual versão se presta mais ao entendimento, conforme já explicitado anteriormente. Partindo do pressuposto de que ambas as versões têm metáforas, veremos se os mapeamentos presentes na versão de linguagem contemporânea apresentam um maior potencial para facilitar a compreensão da mensagem que está sendo veiculada.

Começamos com os versículos 3 e 4 do primeiro capítulo de Tiago. O texto em sua versão clássica (Edição revisada e atualizada de Almeida (2008))

*“sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes.”*

Vemos nesse verso uma metáfora convencionalizada que nem sempre percebemos ser uma metáfora: provação da fé. “Provar”, segundo o dicionário, tem sentido de “1. Estabelecer a verdade de; 2. Indicar, dar provas de; 3. Submeter a prova; 4. Padecer; 5. Comer ou beber em pequena quantidade; 6. Experimentar (uma peça de vestuário) antes de o alfaiate a concluir, para que se corrija os defeitos.” Não existe uma prova, literalmente falando. Aqui, estamos falando em algo metafórico, no sentido de testar a fé, de ver se ela é real e suficiente.

A versão contemporânea diz (A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea (2011) do mesmo trecho acima):

*“Vocês verão como a fé será fortalecida e como terão forças para continuar até o fim. Por isso, não desistam facilmente. Essa perseverança os ajudará a amadurecer e a desenvolver plenamente o caráter de vocês.”*

Aqui encontramos no mínimo duas metáforas: “fé fortalecida” e “amadurecer o caráter”. Para começar, a fé, como algo abstrato que é, é passível de ser fortalecida? Literalmente não é. O dicionário Priberam (<http://www.priberam.pt/>) diz, a respeito de “fortalecer”: “1. Dar fortaleza ou força a; 2. Robustecer, fortificar;

3. *Dar coragem a; animar*; 4. *Corroborar, autorizar*; 5. *Adquirir forças*; 6. *Robustecer-se.* E de fé: “*Estado ou atitude de quem acredita ou tem esperança em algo*”. Portanto, como robustecer algo que é apenas um estado ou uma atitude? Isso nos indica o uso metafórico.

Na expressão metafórica “*amadurecer e a desenvolver plenamente o caráter de vocês*”, encontramos outra metáfora bastante usada, tão usada que está na categoria dos domínios-fonte mais utilizados (KOVECSES 2002, p. 17): o das plantas. O que amadurece literalmente é um fruto, mas para falar de algo abstrato, como caráter, e seu desenvolvimento, usa-se a metáfora do amadurecimento.

Os mapeamentos das metáforas relacionadas à fé, na verdade, são bastante parecidos. Na versão clássica, encontramos a metáfora conceitual UM SENTIMENTO É UM OBJETO, enquanto que na versão contemporânea temos que UM SENTIMENTO É UMA PLANTA. Considerando que nas duas versões encontramos atualizações linguísticas de metáforas conceituais semelhantes, entendemos que, se há uma maior facilidade na compreensão do texto contemporâneo, isso não se deve ao uso da metáfora. Provavelmente, o entendimento facilitado na versão contemporânea se dá em função do uso de itens lexicais mais atuais. Na versão contemporânea, temos fé fortalecida, amadurecer e desenvolver o caráter, expressões que utilizamos corriqueiramente em diversos contextos, enquanto, na versão clássica temos provação da fé, expressão mais restrita a contextos religiosos.

O versículo seis do primeiro capítulo de Tiago diz, nas versões clássica e contemporânea consecutivamente,

*“Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento.”*

*“Os que duvidam quando oram são como as ondas do mar, levadas pelo vento.”*

As duas versões trazem a mesma analogia, derivadas do mesmo mapeamento conceitual entre ONDAS DO MAR e PESSOAS QUE DUVIDAM. Nesse caso, temos o que Steen (2011) chama de metáfora deliberada, isto é, uma

metáfora que convida o interlocutor a prestar atenção no mapeamento entre dois domínios conceituais. Teríamos, então, o mapeamento entre para o domínio-fonte ONDAS DO MAR e o domínio-alvo PESSOAS QUE DUVIDAM explicitados pelos itens lexicais indicadores de comparação (“semelhante” e “como”). O fato de as duas versões terem o mesmo mapeamento só realça a necessidade do uso de metáforas como ferramenta para o melhor entendimento.

Encontramos nos versos nove a onze do primeiro capítulo de Tiago na versão clássica:

*“O irmão, porém, de condição humilde glorie-se na sua dignidade, e o rico, na sua insignificância, porque ele passará como a flor da erva. Porque o sol se levanta com seu ardente calor, e a erva seca, e a sua flor cai, e desaparece a formosura do seu aspecto; assim também se murchará o rico em seus caminhos.”*

Nesse verso, mais uma vez encontramos uma analogia (identificada na expressão “assim também”) que teria um mapeamento conceitual subjacente: O HOMEM RICO É UMA FLOR. Essa analogia se faz presente em todo o verso. Onde diz que “também se murchará em seus caminhos”, temos uma metáfora evidente desse mapeamento. O dicionário Priberam diz sobre “murchar”: “Perder o viço, a frescura.”. Atestamos o uso metafórico sabendo que o que perde o viço e a frescura é uma flor, não um ser humano.

A versão contemporânea diz:

*“Quando os que estão numa pior melhorarem de vida podem comemorar! E, quando os ricos de nariz empinado perderem tudo e tiverem de viver na pior, comemorem também! As riquezas têm vida curta como a flor do campo. Não dá para contar com ela. Vocês sabem que o Sol se levanta, esquenta e o seu calor intenso faz a flor murchar. Suas pétalas secam, e, antes que se de conta, sua bela aparência se foi. É isso que acontece com as “riquezas”: tudo é tão passageiro que, quando todos começam a admirá-las, num piscar de olhos já se foram.”*

Encontramos nessa tradução pelo menos três usos figurados aparentes: “Estar numa pior”: encontramos no dicionário Priberam Online para “pior”: “Adjetivo 1. Comparativo de superioridade de mau; mais mau. 2. Que excede outro em

*maldade, em ruindade, em qualidades más. Advérbio 3. Comparativo de superioridade de mal; mais mal. 4. De modo mais mau; mais mal. Substantivo masculino 5. O mais inconveniente, insensato, imprudente ou desacertado.*” Ou seja, não é possível estar literalmente numa pior. Nesse caso, encontramos a metáfora conceitual UMA SITUAÇÃO É UM CONTAINER. Portanto, não é possível estar literalmente “na pior”, pois sendo que a preposição “em” se refere a um local, e que “pior” é um adjetivo, então mais uma vez atestamos a metáfora.

A expressão ‘*ricos de nariz empinado*’ é, na realidade, uma expressão idiomática. Segundo Langlotz (2006), expressões idiomáticas são consideravelmente fixas, construções figuradas institucionalizadas com duas ou mais palavras, que têm uma função essencialmente discursiva e que também podem ser idiossincráticas. Podemos entender essas expressões como aquelas que, sendo um conjunto de palavras usadas juntas para expressar um determinado sentido, que hoje já são, de alguma forma, convencionalizadas. Consideramos que essa expressão tem uma origem metafórica, pois se remete à metáfora BOM É PRA CIMA. As pessoas denominadas dessa forma (de nariz empinado) se consideram superiores, e a alusão a essa postura corporal denuncia essa atitude.

Na expressão metafórica em forma de analogia em que as riquezas têm vida curta como a flor do campo, identificamos o domínio-fonte FLOR DO CAMPO e o domínio-alvo AS RIQUEZAS. A riqueza não é algo que tenha vida; o dicionário Priberam Online diz a respeito: “1. *Qualidade do que é rico. 2. Magnificência. 3. Abundância. 4. Fertilidade. 5. A classe dos ricos.*” Segundo todos esses significados, não é possível afirmar que a riqueza é algo que tenha vida; então, esse é um sentido metafórico para duração. Ou seja, as riquezas duram tanto quanto a flor do campo. Nesse trecho, encontramos um mapeamento semelhante ao da versão clássica: AS RIQUEZAS SÃO FLORES. Mais uma vez, encontramos metáforas nas duas versões, que têm mapeamentos semelhantes. Nas duas versões encontramos metáforas deliberadas, enfatizadas pela analogia. Podemos dizer que a compreensão se dá da mesma forma, entendendo um domínio conceitual mais abstrato em termos de outro, mais concreto.

Tiago 1:12, nas versões clássica e contemporânea, diz:

*“Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam.”*

*“Aquele que encara lutas e aflições e as superam é um felizardo! É gente assim que ama a Deus e é fiel de verdade. Eles receberão como recompensa a vida plena.”*

Para entender a metáfora presente na versão contemporânea, é preciso, mais uma vez, recorrer ao dicionário Priberam Online para encontrar o significado de “encarar”: “*Olhar de frente, de cara; fixar a vista em. = FITAR*”. Aqui poderia se dizer que a pessoa estaria assistindo a uma luta real. Entretanto, entendemos pelo contexto que essas lutas são aqueles desafios por que as pessoas passam em suas vidas, e mapeamos essa metáfora na forma de duas metáforas conceituais: UMA ATIVIDADE É UMA PESSOA e UM SENTIMENTO É UMA PESSOA. Podemos dizer, portanto, que aqui ocorre uma personificação de um sentimento (aflições) e de uma atividade (lutas), afinal, encaramos pessoas, mas não um sentimento ou uma atividade. Esse fenômeno de personificação é uma das características de algumas metáforas, conforme Kovecses (2002). Além desse fenômeno da personificação, encontrado na versão contemporânea, a atualização lexical (como na substituição de “bem aventurado” da versão clássica, por “felizardo” na contemporânea) presente na versão mais atual também foi útil para houvesse uma melhor apreensão do sentido nessa versão.

Seguindo no versículo treze do primeiro capítulo de Tiago temos, nas versões clássica e contemporânea:

*“Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta.”*

*“Ninguém que esteja passando por lutas pode ter a cara de pau de dizer: ‘É Deus que está me tentando’. Deus não tem nada a ver com isso, e ele nunca põe o mal no caminho de ninguém.”*

Na versão clássica, aparentemente, não encontramos nenhuma metáfora. Partimos, então, para a análise das ocorrências metafóricas encontradas na versão

contemporânea: “Passando por lutas”: o dicionário Priberam Online diz sobre “passar”: “*Atravessar, transpor*”. Não existem lutas literais aqui, mas uma metáfora que pode ser mapeada pela metáfora conceitual EVENTOS SÃO LOCAÇÕES ou A VIDA É UMA GUERRA. Essa metáfora traz, de modo figurado, os problemas pelos quais as pessoas passam diariamente.

Sobre a expressão ‘*cara de pau*’, podemos dizer que nesse verso, na verdade, temos mais uma expressão idiomática. Não se trata de uma cara feita literalmente de pau, mas se quer dizer que ninguém deve ter a audácia de dizer tal coisa. Talvez, dizendo dessa forma, o autor consiga dar mais ênfase ao seu ponto, mas as duas versões se fazem entender da mesma forma.

A respeito da expressão metafórica “*ele nunca põe o mal no caminho de ninguém*”, primeiramente, é preciso ver o que diz o dicionário Priberam Online sobre “mal”: “*Tudo o que é oposto ao bem*”. Não é possível, então, colocar literalmente o mal no caminho de ninguém. Caminho nesse caso também tem sentido metafórico, pois se refere à vida. Aqui, identificamos a metáfora conceitual A VIDA É UMA JORNADA. Todo esse conceito de colocar algo concreto no caminho de alguém não é literal, mas é normal que pensemos na vida em termos de jornada. A metáfora, nesse caso, parece ser um dos motivos pelos quais a versão contemporânea é mais acessível à compreensão. Além disso, a expressão idiomática usada tão cotidianamente, é refletida em uma atualização lexical, também tem um papel de simplificação do entendimento.

Vejamos então, nas duas versões, a clássica e em seguida a contemporânea, Tiago 1:19:

*“Sabeis estas coisas, meus amados irmãos. Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar.”*

*“Amigos, nunca se esqueçam: aprendam a ouvir primeiro e a falar depois, e não deixem que a ira tome o controle.”*

Não tendo sido encontradas atualizações metafóricas na versão clássica, passemos a analisar as encontradas na versão contemporânea. A ira, segundo o dicionário Priberam Online é “1. *Cólera; raiva, indignação; fúria, violência*. 2. *Castigo,*



*vingança (da divindade)*”. Sendo um sentimento, não é algo concreto, então, não seria possível ela ter controle de nada. Essa metáfora trata de não se ficar tão irado, a ponto de não conseguir pensar em mais nada. O mapeamento para essa metáfora é UMA EMOÇÃO É UMA PESSOA. Percebemos, então, o fenômeno da personificação de uma emoção nesse caso. Mais uma vez, a presença da metáfora na versão contemporânea fez diferença no entendimento do verso, pois, ao entender uma EMOÇÃO em termos de uma PESSOA, ficamos mais próximos de entender o sentido do texto.

O próximo verso é Tiago 1:24, na versão clássica e, em seguida, na contemporânea:

*“Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos.”*

*“Não se enganem, fingindo-se de ouvintes, quando, na verdade, deixam a Palavra entrar por um ouvido e sair pelo outro.”*

A versão clássica traz uma metáfora que podemos entender como “praticar aquilo que está escrito”, pois o dicionário Priberam Online diz a respeito de “palavra”: “*Unidade linguística com um significado, que pertence a uma classe gramatical, e corresponde na fala a um som ou conjunto de sons e na escrita a um sinal ou conjunto de sinais gráficos. = TERMO, VOCÁBULO*”. Ou seja, uma palavra não é uma atividade que possa ser praticada. Essa atualização linguística é uma instansciação da metáfora conceitual A PALAVRA É UMA ATIVIDADE.

O sentido figurado está evidente na versão contemporânea, mas nela encontramos uma expressão idiomática. Sabemos que nenhuma palavra de fato entra ou sai de nossos ouvidos. O que se quer dizer é pra internalizar o que se ouviu e isso fazer alguma diferença na vida. Neste versículo podemos supor que a metáfora presente na versão clássica não auxilia tanto o entendimento quanto a expressão idiomática presente na versão contemporânea. Mais uma vez, esse trecho nos leva a crer que a atualização lexical da versão contemporânea tem um papel mais relevante para a compreensão do que a linguagem figurada utilizada.

Ainda no primeiro capítulo de Tiago, o versículo 25 diz, nas versões clássica e contemporânea, consecutivamente:

*“Mas aquele que considera, atentamente, na lei perfeita, lei da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte negligente, mas operoso praticante, esse será bem-aventurado no que realizar.”*

*“Mas quem dá a devida atenção à mensagem de Deus e a vive na prática - a verdadeira liberdade - e nela se firma, sem ser mero ouvinte - essa pessoa vai longe e será abençoada por Deus.”*

A versão clássica, mais uma vez, não traz metáforas. Analisemos, então, aquelas encontradas na contemporânea. A primeira expressão metafórica a ser analisada é “se firmar na mensagem de Deus”. O dicionário Priberam Online diz a respeito de “mensagem”: *“Notícia comunicada verbalmente; recado”*. Uma mensagem não é algo sólido, ou pelo menos não sólido o suficiente para que se possa se firmar literalmente. Aqui temos a metáfora conceitual UMA PALAVRA É UMA BASE SÓLIDA. Metaforicamente, é possível se firmar nessa mensagem, que pode ser tão firme quanto uma rocha.

Tomando a expressão metafórica “essa pessoa vai longe”. O dicionário diz a respeito do significado de “ir”: *“Passar ou ser levado de um lugar para outro, afastando-se”*. Como não há, nesse caso, um deslocamento real, mas um sentido figurado para ter uma boa vida, mais uma vez, vemos a metáfora conceitual A VIDA É UMA JORNADA sendo atualizada. Essa metáfora tão produtiva aparece nesse trecho para mostrar que aqueles que fazem as coisas certas terão a benção de Deus. Devido ao rebuscamento linguístico encontrado na versão clássica, com sua escolha de léxico de difícil compreensão, podemos dizer que houve melhor entendimento na versão contemporânea, que tem um léxico muito mais atualizado.

Em Tiago 2:16 na versão clássica, seguida da contemporânea, temos:

*“e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso?”*

*“Por exemplo, se você encontra um velho amigo desempregado e em situação difícil e, vendo suas lutas, você diz: ‘Meu amigo! Deus o ajude! Seja abençoado!’, e depois vai embora sem nem lhe oferecer nada, aonde isso o leva?”*

Nesse trecho, encontramos metáforas apenas na versão contemporânea, o que não necessariamente seja um dos fatores do melhor entendimento da versão mais atual. Na expressão metafórica “vendo suas lutas”, podemos confirmar o sentido metafórico ao consultar o dicionário Priberam Online no significado de “luta”: “1. Combate corpo a corpo. 2. Briga, disputa entre pessoas ou grupos. 3. Duelo, combate. 4. Conflito armado. = BATALHA, CONFRONTO, GUERRA 5. Disputa, controvérsia.” Ou seja, essas lutas são situações difíceis por que as pessoas passam em suas vidas; não há o sentido de combate aqui. Aqui temos o mapeamento de A VIDA É UMA GUERRA. No caso de “aonde isso o leva” temos um sentido metafórico, pois aqui mais uma vez estamos falando de A VIDA É UMA JORNADA. Seria ‘aonde isso o leva na vida’, não existe um lugar literal nesse caso.

Esse trecho tem um melhor entendimento na versão contemporânea por dois motivos: o primeiro é que ele traz um contexto, o exemplo da situação de um amigo desempregado, o que não está evidente na versão clássica. O segundo é a atualização da situação para nossos dias, afinal, o desemprego se faz muito presente na realidade brasileira atual. Dito isso, é possível afirmar que, além das metáforas, a contextualização para nossos dias também atuou como facilitadora da compreensão.

Seguindo, em Tiago 2:18, encontramos na versão clássica:

*“Mas alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé.”*

Nessa versão, encontramos uma metáfora linguística que atualiza UM SENTIMENTO É UM OBJETO (QUE PODE SER MOSTRADO). Sabemos que fé não é algo passível de se mostrar, pois, segundo o dicionário Priberam Online, é um “estado ou atitude de quem acredita ou tem esperança em algo”, o que comprova seu uso metafórico, pois não se pode mostrar algo que é um estado ou atitude literalmente.

A versão contemporânea, por sua vez, diz:

*“Já posso até ouvir um de vocês concordando: ‘Parece bom. Você toma conta da fé, eu cuido das obras’. Vamos devagar. Vocês não podem mostrar obras separadas da fé, assim como não posso mostrar minha fé separada das obras. Fé e obras, obras e fé encaixam-se como uma luva.”*

Na versão contemporânea, temos mais uma vez a personificação, pois a expressão ‘*Você toma conta da fé*’ atualiza a metáfora conceitual UM SENTIMENTO É UMA PESSOA. Já em “*mostrar minha fé*”, vemos a mesma metáfora conceitual encontrada na versão clássica: UM SENTIMENTO É UM OBJETO (QUE PODE SER MOSTRADO). As duas versões então trazem o mesmo mapeamento, apenas atualizadas de maneira diferente. Além disso, a versão contemporânea traz uma expressão idiomática (“*encaixar-se como uma luva*”). Se ambas as versões trazem o mesmo mapeamento, e entendemos melhor a versão mais atual, podemos dizer que isso se deve às escolhas lexicais (itens lexicais e expressão idiomática familiar) mais atualizada da versão contemporânea, foram cruciais para esse melhor entendimento.

Encontramos em Tiago 2:24 na versão clássica e na versão contemporânea, respectivamente:

*“Verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente.”*

*“Não é evidente que a pessoa é justa aos olhos de Deus não por causa de uma fé morta, mas pela fé que resulta em obras?”*

Nesse trecho, não encontramos metáfora na versão clássica. Provavelmente, para facilitar o entendimento de que é necessário mais do que apenas fé para ser justo diante de Deus, na versão contemporânea, temos a metáfora “*fé morta*”. Se já sabemos que, segundo o dicionário Priberam Online, “*fé é um estado ou uma atitude*”, não é possível que ela esteja morta. Encontramos aqui o mapeamento de um SER VIVO para um SENTIMENTO. Para melhor explicar esse conceito, se dá vida a esse sentimento, a fé. Nesse caso, a metáfora ajuda na compreensão do verso, mas se pode dizer que, em um sentido geral, todo o contexto do verso ajuda

na compreensão, não somente a metáfora. Agora vamos analisar Tiago 3:5-7 nas versões clássica e contemporânea:

*“Assim, também a língua, pequeno órgão, se gaba de grandes coisas. Vede como uma fagulha põe em brasas tão grande selva! Ora, a língua é fogo; é mundo de iniquidade; a língua está situada entre os membros de nosso corpo, e contamina o corpo inteiro, e não só põe em chamas toda a carreira da existência humana, como também é posta ela mesma em chamas pelo inferno.*

*Pois toda espécie de feras, de aves, de répteis e de seres marinhos se doma e tem sido domada pelo gênero humano; a língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar; é mal incontido, carregado de veneno mortífero.”*

*“Uma simples palavra pode parecer nada, mas é capaz de construir ou destruir quase tudo! Basta uma faísca para incendiar uma floresta inteira. Uma palavra descuidada ou indevida pode fazer o mesmo. Com nossas palavras, podemos arruinar o mundo, criar confusões sem fim, jogar lama na reputação dos outros e encher o mundo inteiro de fumaça, uma fumaça que vem das profundezas do inferno. Não é de assustar? Podemos domar uma onça, mas não podemos domar a língua - ninguém nunca fez isso. A língua é veneno de cobra, uma assassina cruel.”*

Podemos ver que ambas as versões utilizam língua para se referir à fala, ao discurso. Sobre “língua”, se o dicionário Priberam Online diz que esta é um: “Órgão móvel da cavidade bucal”, a língua não seria capaz de fazer todas as coisas ditas nesses versos. Aqui, na verdade, percebemos que um uso metonímico (OBJETO PELA AÇÃO) de língua para fazer referência ao discurso. Além disso, atualiza-se linguisticamente a metáfora conceitual O DISCURSO É UMA GUERRA. Trata-se principalmente do poder que nossas palavras têm de destruição ou construção, sob o qual encontraríamos o mapeamento O DISCURSO É CONSTRUÇÃO. Outra metáfora comum entre as duas versões é a de que a língua é um veneno. Essa ocorrência atualiza a metáfora conceitual A LÍNGUA É UM ANIMAL FERROZ. Nesse conjunto de versos, vemos a presença da metáfora em ambas as versões, todas com mapeamentos semelhantes, mostrando, assim, o quanto a metáfora se faz necessária para a compreensão. Mais uma vez, no caso da

versão contemporânea, temos uma atualização da linguagem em comparação com a versão clássica, que tem ocorrências mais arcaicas.

A seguir, temos, em Tiago 3:13, na versão clássica e logo após, na versão contemporânea:

*“Quem entre vós é sábio e inteligente? Mostre em mansidão de sabedoria, mediante condigno proceder, as suas obras.”*

*“Quer ser considerado sábio? Quer ter reputação de quem entende? Esse é o caminho: Aprenda a viver! Escute a sabedoria! Viva com humildade! O que conta é como você vive, não o que você fala.”*

Nesse verso encontramos, novamente, um caso de personificação na versão contemporânea, em um mapeamento de A SABEDORIA É UMA PESSOA, pois o dicionário Priberam Online diz sobre sabedoria: *“Grande fundo de conhecimentos”*, não sendo possível que fosse escutada. Nesse caso, parece que a metáfora é apenas mais um motivo que melhora o entendimento do verso, mas não o único. Aqui, encontramos a metáfora mais uma vez como coadjuvante na questão da melhor compreensão da versão contemporânea, ao lado da informalidade e da atualização lexical encontrada nessa versão.

Encontramos em Tiago 4:16 nas versões clássica e contemporânea:

*“Agora, entretanto, vos jactais das vossas arrogantes pretensões. Toda jactância semelhante a essa é maligna.”*

*“Vocês estão cheios de vocês mesmos. Toda essa arrogância é maligna.”*

Nesse verso, encontramos metáfora somente na versão contemporânea. Essa metáfora pode estar fundamentada por duas metáforas conceituais: A PESSOA É UM CONTAINER e O SENTIMENTO É UMA SUBSTÂNCIA. Na verdade, não é possível estar cheio de si mesmo literalmente. Essa metáfora vem para explicar o conceito da arrogância, propiciando uma melhor compreensão da versão contemporânea. Além da metáfora também se pode dizer que a escolha de léxico utilizado também foi muito importante como instrumento de facilitação do

entendimento, uma vez que termos como “jactância” não são corriqueiros atualmente.

Para terminar esta análise, temos Tiago 5:3 na versão clássica seguida da contemporânea:

*“O vosso ouro e a vossa prata foram gastos de ferrugens, e a sua ferrugem há de ser por testemunho contra vós mesmos e há de devorar, como fogo, as vossas carnes. Tesouros acumulastes nos últimos dias.”*

*“O dinheiro de vocês é pura corrupção, e suas roupas de marca cheiram a podridão. O luxo de vocês é um câncer que corrói por dentro. Vocês pensam que estão ajuntando riquezas, mas o que estão acumulando é juízo divino.”*

Nas duas versões, encontramos metáforas relacionadas às consequências das riquezas mal empregadas. Em “ferrugem” ‘há de ser por testemunho’, temos a personificação: A FERRUGEM É UMA PESSOA. Em ‘há de devorar, como fogo, as vossas carnes’, temos uma metáfora deliberada em forma de analogia, que pode ser explicada pela metáfora conceitual A FERRUGEM É FOGO. Na versão contemporânea, temos outras metáforas como ‘O dinheiro de vocês é pura corrupção’ e ‘O luxo de vocês é um câncer que corrói por dentro’, que atualizam respectivamente DINHEIRO É DO MAL e A RIQUEZA É UMA DOENÇA. Mais uma vez, encontramos um verso em que temos metáforas nas duas versões. Ainda que tenham mapeamentos diferentes, vemos que as metáforas se fizeram necessárias em ambas para que houvesse uma melhor compreensão do texto. Apresentaremos, na próxima seção, as conclusões a que chegamos por conta das análises.

#### 4. Conclusão

A hipótese inicial deste trabalho era a de que as metáforas encontradas na versão contemporânea eram o que fazia com que essa versão fosse mais acessível, tivesse uma compreensão facilitada em relação à versão clássica, com uma tradução mais arcaica em matéria de linguagem. A análise dos textos nos fez chegar a algumas conclusões.

As duas versões possuem metáforas, não somente a versão contemporânea, como era esperado. Em alguns versos, quando feita a comparação, não encontramos metáforas na versão clássica. Entretanto, verificamos que muitas vezes as duas versões possuem metáforas. Mais do que isso, eventualmente encontramos o mesmo mapeamento nas duas versões; a diferença era que esse mapeamento era atualizado de formas diferentes nas duas versões. Exemplo disso é que encontramos a personificação diversas vezes em ambas as versões, o que é sinal do quanto esse tipo de mapeamento é produtivo. Entretanto, na versão clássica, frequentemente encontramos uma atualização linguística mais ultrapassada, enquanto que na contemporânea identificamos atualizações que cabem mais em nossos dias, em nosso contexto. Podemos dizer, então, que muitas vezes o que se verificou foi uma atualidade lexical no caso da versão contemporânea.

Outro ponto que fez bastante diferença para a compreensão, quando feita a comparação entre as duas versões, foi a presença constante de outras figuras de linguagem, além da metáfora, na versão contemporânea: a analogia, a metonímia e as expressões idiomáticas. Ainda que essas expressões tenham derivado de metáforas, era esperado que as metáforas em sua forma canônica fossem o diferencial nessa versão contemporânea. Assim, podemos dizer que tanto analogias, com seu grande poder de facilitar a compreensão, quanto as metonímias, com sua função de referencialidade, quanto as expressões idiomáticas familiares, com seu poder de remeter a significados já convencionalizados em uma comunidade linguística, foram decisivas para o entendimento da versão contemporânea.

Conclui-se, observando a imposição de fenômenos relacionados à metáfora como ferramenta para a compreensão, e tendo sido observado como em duas



diferentes traduções do texto bíblico que ela se fez presente, ainda que de formas diversas. Na verdade, se a versão contemporânea se mostrou mais compreensível, foi principalmente pela soma de dois fatores: pela forte presença de fenômenos de linguagem figurados relacionados à metáfora e pela escolha de itens lexicais mais corriqueiros, e não apenas pela presença da metáfora, já que esta foi encontrada em ambas as versões.

## 5. Referências

BÍBLIA. Português. A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea. Tradução para o inglês de Eugene Peterson. São Paulo: Editora Vida, 2011. 1784p.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida Revisada e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. 1664p.

GRADY, J. E. Foundations of meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes. 1997. 299p. Tese de Doutorado em Filosofia na Linguística. University of California, Berkeley. 1997

GRICE, P. Logic and conversation. In: Grice, P. Studies in the way of words. Cambridge, Harvard University Press, 1987.

JAKEL, O. The Cognitive Theory of Metaphor Applied to Religious Texts In Metaphorik.de. 02/2002

KOVECSES, Z. Metaphor: A practical introduction. 1.ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 2002. 285p.

KOVECSES, Z. The Biblical Story Retold: Symbols in Action A cognitive linguistic perspective. Converging and diverging tendencies in cognitive linguistics. Amsterdam, 2011

LAKOFF, G; JOHNSON, M. Metaphors we live by. Chicago: University of Chicago Press, 1980

Langlotz, A. Idiomatic Creativity: A Cognitive Linguistic Model of Idiom-Representations and Idiom-Variation in English. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins. 2006.

LEME, H.G.S. Indeterminação e Metáforas no Discurso Religioso (A construção do sentido no discurso do Evangelho da Prosperidade). 2003. 215p. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. PUC/SP. São Paulo. 2003.

MARTINICH, A.P. A theory of metaphor. In: Davis, S. Pramactics: a reader. Nova Iorque, Oxford University Press, 1971.

PRAGGLEJAZ, G. MIP: A method for identifying metaphorically used words in discourse. *Metaphor and Symbol*, 22 (1): 01-39, 2007.

SARDINHA, T.B. Lula e a metáfora da conquista. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 8, n. 1, 2008.

SARDINHA, T.B. Metáfora. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 167p.

SEARLE, J. Speech and acts. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

STEEN. G. From three dimensions to five steps: The value of deliberate metaphor. In *Metaphorik.de*. 21/2011

<http://www.priberam.pt/>